

Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón por videoconferência de Milão, 18 de novembro de 2020

Textos de referência: J. Carrón, Vê-se só o que se admira, texto do Dia de início de ano dos adultos e dos estudantes universitários de Comunhão e Libertação, e J. Carrón, O brilho dos olhos. O que nos arranca do nada?, Capítulo 6. Filhos no Filho, (pp. 125-151).

- *L'iniziativa*
- *Como lora una estrella*

Glória

Carrón: Boa noite a todos. Jesus – dissemos – tinha uma relação verdadeira com o real pela consciência do Pai que o plasmava. Por isso Jesus foi capaz de introduzir os discípulos na relação que Ele próprio vivia. E nós, hoje? Como somos introduzidos na relação com o Pai?

Colocação: *O capítulo 6 trata de uma questão crucial: “E a nós, hoje, quem nos introduz nessa relação? É sempre Cristo quem nos introduz na relação com o Pai” (p. 125). Depois o texto diz que Cristo entra na minha vida me atraindo para Si mediante uma carne precisa, uma presença através da qual posso fazer a mesma experiência de relação com Ele. Depois vem a questão da fé, do Batismo, do Espírito Santo por meio dos quais nos tornamos filhos no Filho, e recebemos os dons hierárquicos e carismáticos. Bem, eu, que cresci em uma família católica, sou casada na igreja, mãe de quatro filhos que receberam todos os Sacramentos, professora, catequista, do Movimento desde muito jovem – como dizer –, tenho tudo em ordem, não me falta nada e, no entanto, me falta tudo porque, mesmo querendo viver só para Cristo, isso continua sendo apenas uma frase, Ele não irrompe, não me atrai para Si, um pouco como aquela mulher – citada neste capítulo – cujo testemunho é relatado, que já estava imersa na vida cristã, mas foi preciso acontecer algo em algum momento, um imprevisto, um acontecimento, para fazê-la perceber a presença de Jesus, para fazê-la experimentar Cristo vivo. Então, pergunto: o que aquele imprevisto acrescentou na vida daquela mulher? O imprevisto é claro e na minha vida também aconteceu o encontro com pessoas ou momentos de pessoas. Mas, diante da ocorrência de um imprevisto, de um acontecimento, do que depende que eu tenha a posição certa do coração para reconhecê-Lo? E qual é a posição certa do coração? Porque eu acho que a tenho. Então, por um lado, é uma graça que aconteça e reaconteça, e por outro, mesmo que aconteça novamente não é suficiente, é preciso uma disposição do coração que O reconheça e O acolha para que eu possa perceber Jesus vivo. Então, qual é o problema? Meu modo de ser? Uma disposição psicológica afetiva? As minhas circunstâncias? Sempre dissemos que não! E que em qualquer situação em que nos encontremos, Cristo pode acontecer! Este tempo de pandemia nos trouxe muitos testemunhos de como Cristo pode acontecer novamente mesmo numa circunstância tão dramática! Então me parece que seja só uma graça, um dom, que não há estratégia, e que tudo o que resta é continuar pedindo que ele reaconteça, e esperar.*

Carrón: Obrigado por compartilhar conosco sua história de pertencimento desde pequena e o seu drama. Cada um de nós, se é minimamente consciente de si, pode se reconhecer na sua descrição: “Não me falta nada e, no entanto, me falta tudo”. Para nós, muitas vezes, a resposta de Cristo é identificada com a supressão de qualquer falta. “Mesmo desejando viver só para Cristo, isso é apenas uma frase, Ele não irrompe, não me atrai para Si”, você disse. Mas você tem certeza de que se Cristo não entrasse constantemente na sua vida e se não continuasse atraindo-a para Si, você poderia perceber que lhe falta tudo embora você tenha tudo? Como você poderia querer viver só para Cristo, se Ele não tivesse alcançado você e não continuasse a alcançá-la? E se fosse verdade o contrário? Ou seja, justamente porque não lhe falta nada, lhe falta tudo. É através desse seu desejo ilimitado que Cristo a está chamando para Si, não de fora, mas do seu íntimo. Como se lhe dissesse:

“Amiga, você não sente a minha falta?”. Sempre me impressionou uma frase – que já repeti milhares de vezes – que li num texto de Dom Giussani, porque ele falou dessa necessidade que você está descrevendo, e desde então comecei a olhar para a falta assim. É como se Deus estivesse lhe dizendo: “Eu sou o Mistério que falta a todas as coisas que tu provas” (L. Giussani, *Acontecimento de liberdade*, Lisboa: Diel Ltda, 2004, p. 145). Depois encontrei uma frase de São Gregório de Nissa, um Pai da Igreja, que diz justamente isso: “A alma é atingida e ferida pelo desespero de nunca obter o que deseja. Mas esse véu de tristeza é tirado dela quando descobre que a verdadeira posse de Quem ela ama reside em nunca deixar de desejá-Lo” (apud L. Giussani, *Un’avvenimento nella vita dell’uomo*, Milão: BUR, 2020, p. 216). É isso que é preciso aprender, senão não é possível se levantar de manhã desejando ir ao encontro d’Ele. Não deixar nunca – nunca! – de desejá-Lo: é este o acontecimento da relação entre o homem e Cristo que é fonte de um desejo contínuo e incessante. É o encontro que o desperta e que suscita constantemente a capacidade de desejá-Lo sempre. Que isso aconteça é sempre uma graça, e só podemos pedir e esperar sermos surpreendidos pelo Seu acontecimento.

Colocação: *Meu marido e eu vivemos uma situação relacionada à covid-19 (leve, felizmente) há algumas semanas: ele ficou doente e eu, sendo um contato próximo, fiquei em quarentena mesmo estando bem. O incômodo, ampliado por vários contratemplos e desserviços dos órgãos públicos em relação ao nosso caso, a ansiedade, o descontentamento por ter tido que interromper (ou modificar bastante) nossas atividades de trabalho, as dificuldades de comunicação com o mundo exterior, mas também a gratidão por não ter ocorrido problemas mais graves, a proximidade de parentes e amigos, em suma, tudo o que vivemos nesses dias gerou em mim um forte pedido por mudança, reacendeu o desejo de uma vida mais verdadeira, mais voltada para o essencial, mais significativa também como testemunho de Cristo presente. Esse pedido e esse desejo são urgentes dentro de mim, mas digamos que eu não sei como lidar com eles: não quero cair no moralismo do “farei”, “serei”, “consegurei”, onde tudo serve de base para o esforço de mudança e de coerência do meu eu que, além do mais, está abatido e fragilizado. O que você me diz? Para onde devo olhar? Se é verdade que uma fresta é suficiente para que a luz entre, o que você acha que me é pedido neste momento? Não quero desperdiçar a enésima oportunidade que me é dada na vida. Obrigada por tudo.*

Carrón: Obrigado a você. Qualquer um pode se deixar determinar pelo desconforto, pela ansiedade, pelo descontentamento de ter que interromper o trabalho – como você disse –, ou pode se deixar tomar pela gratidão que desperta um pedido por mudança, o desejo de uma vida mais verdadeira. É assim que acontece continuamente, amigos. Pode passar pelo coronavírus, por qualquer circunstância que desperte em nós o desejo de algo mais, porque nem mesmo a saúde é suficiente. Então o que é preciso é uma atenção. Você pergunta: “Para onde devo olhar?” Vamos ver se esta noite, olhando, você aprende algo sobre o método mediante o qual Ele nos introduz na resposta.

Colocação: *Vou contar dois episódios que aconteceram em um curto espaço de tempo e cujo alcance histórico mostrou-se inversamente proporcional ao impacto no meu dia a dia. Em primeiro lugar, aconteceu que, depois de meses de grande dificuldade no trabalho durante os quais ficou evidente a necessidade de mudança, chegou a proposta de trabalho “da minha vida”, a única que poderia me fazer deixar a empresa atual porque conjugava minha ambição profissional com as questões familiares. No entanto, à parte um breve entusiasmo inicial, a notícia de fato não mudou o meu dia a dia, deixando-me presa nas minhas tentativas ridículas. Foi nesse clima que a quarentena começou, e depois de três dias em que tentei organizar a agenda propondo as atividades mais divertidas para as crianças, caí por terra. No quarto dia percebi que qualquer pedido deles me irritava e eu não podia mais olhar na cara deles. Depois de alguns dias nos quais o máximo da proposta eram desenhos animados e chamadas de vídeo com os avós, enquanto cresciam meu cansaço e minha frustração, num determinado momento minha filha me disse: “Mãe,*

como é bom estar com você!”. Esta frase, tão simples mas ao mesmo tempo tão clara, imediatamente redesenhou o método: a única coisa que devo fazer é estar disponível para receber Cristo que entra novamente na minha vida e a transforma através da boca de uma menina de três anos. Esses dois eventos concomitantes me tocaram muito, porque me deixaram novamente diante do fato de que eu vivo esperando que a felicidade chegue através da mudança das circunstâncias, mas Cristo vem me tirar da toca em todos os lugares, até no momento mais monótono do dia.

Carrón: É para aí que devemos olhar: como acontece e onde acontece. “Vivo esperando que a felicidade chegue através da mudança das circunstâncias, enquanto Cristo vem me tirar da toca em todos os lugares”, também através da mais nova da casa: “Mãe, como é bom estar com você!”. Então, qual é o método? Você disse: “a única coisa que devo fazer é estar disponível para receber Cristo” na maneira com que nos alcança e nos surpreende. Mas às vezes parece que isso não basta. Então surge uma tentação.

Colocação: *Tentei responder à pergunta que você fez no último encontro: “Mas como o acontecimento do carisma se documenta hoje, para cada um de nós, na situação particular em que temos que viver?”. Quando penso no carisma, penso em Dom Giussani que me comunicou um modo de viver completamente desconhecido na minha experiência. Não é que isso simplesmente resistiu e sobreviveu em mim no decorrer do tempo, mas mudou o percurso, a direção da minha vida há mais de quarenta anos. Ultimamente, me voltou a pergunta: “O que teria sido e o que seria minha vida agora se eu não tivesse encontrado pessoas específicas e rostos específicos?”. É fácil para mim responder que estaria dentro da “pilha de coisas” de uma vida igual à de todos e definida apenas pela mentalidade comum (uma certa maneira de julgar, pensar e de olhar). Pelo menos nesse sentido posso dizer que a minha vida seguiu outro caminho ou, melhor, dentro da mesma realidade de todos, tive possibilidade de pensar, julgar e olhar de outro modo. Nunca me afastei dessa história, não procurei e, acima de tudo, não encontrei nada melhor; mas sinto que com o tempo o começo pode se entorpecer, o desejo pode se tornar menos vivo e os rostos que tenho ao meu redor menos incidentes, quase como se dependesse de mim redespertar o início promissor que o encontro com o carisma suscitou. Então eu pergunto: “Se tudo começou com um dom trazido por pessoas, por rostos precisos que eu não escolhi, como esse início pode permanecer, e qual é a minha parte nessa permanência?”. Pergunto isso porque às vezes me parece que a novidade e o gosto do início dependem de um esforço meu.*

Carrón: Quando o início começa a se entorpecer, ficamos tentados a mudar o método. Você descreveu isso de modo muito eficaz: “Se tudo começou com um dom trazido por pessoas, por rostos precisos que eu não escolhi, como esse início pode permanecer, e qual é a minha parte nessa permanência?” [...] porque [...] ‘parece que a novidade e o gosto do começo dependem de um esforço meu’. Voltemos ao ponto em que o acontecimento cristão nos libertou com sua inversão de método: “O centro, o ponto axial aqui não estaria mais no esforço de uma inteligência e de uma vontade construtiva, de uma exaustiva fantasia, de um complicado moralismo, mas na simplicidade de um reconhecimento” (L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2003, p. 46). Em vez disso, nós, cedendo à tentação de sair do método de Deus, passamos da disponibilidade em acolher o dom para a ilusão de que a novidade e o gosto do início dependem de um esforço nosso. Esse é o nosso dilema. Como sair dele?

Colocação: *Na página 138 do sexto capítulo você diz que a “autoridade... é fator indispensável no crescimento do eu” e que “a autoridade, de certo modo, é o meu ‘eu’ mais verdadeiro”. A partir dessas frases entendo que as palavras “autoridade” e “seguir” (as quais eu, através do percurso trilhado nos últimos Dias de Início de Ano e em todos esses anos de Movimento, sempre olhei com atenção e, acredito, disponibilidade) aqui chegaram a mim incrementadas mil vezes e são o fundamento da minha pessoa. Então, eu gostaria de entender mais, para ter ainda mais consciência da dimensão dessas palavras para a minha felicidade e realização. Para saber quem eu sou!*

Porque me parece que elas mudam o ponto de partida com o qual entrar no meu dia. Muito obrigada.

Carrón: Perfeito! Através do percurso feito nos últimos Dias de Início de Ano e durante os muitos anos de Movimento você sempre olhou com atenção e disponibilidade para as palavras “autoridade” e “seguir”. Mas agora você gostaria de entender melhor, para ter uma consciência ainda mais clara da dimensão delas para a sua felicidade e para a sua realização. Segundo Dom Giussani, é justamente na autoridade que podemos encontrar ajuda: “A autoridade é o lugar onde a luta para afirmar e a verificação para confirmar que a proposta de Cristo é verdadeira, ou seja, é resposta à percepção, às exigências do coração [...], é mais límpida e mais simples [...], é mais pacífica” (L. Giussani, “Quem é este?”, *Passos*, nov. 2019, p. 8). Mas devemos entender isso a partir da nossa experiência: só encontrando uma autoridade essas palavras se tornam claras e chegam a nós, como você disse, incrementadas mil vezes. Quem descobriu a dimensão da autoridade em sua experiência?

Colocação: *Trabalhando com meu grupo de Escola de Comunidade sobre o capítulo seis, surgiu a dificuldade de abordar os trechos sobre a autoridade e sobre a obediência. Como dizer: enquanto falamos sobre a vida, sobre a amizade, ok, mas entrar nesses dois termos – que imediatamente faz você recalcitrar só de pensar neles – é outra coisa, é algo pouco familiar que perturba um pouco. Ou seja, como eu tenho a “clássica” dificuldade de entrar nessas palavras porque me parecem categorias abstratas e esquemáticas, que de modo prático têm pouco a ver com o dia a dia, posso eliminá-las, posso deixá-las de lado com prazer, e passar por cima delas. Mas como, depois de passar por toda a trama convincente de “O que nos arranca do nada?”, a “solução” da pergunta feita pode estar na autoridade e na obediência? Parecia-me pouco gratificante, quase um dever, uma redução. Então perguntei aos meus amigos: “Será que realmente esses três parágrafos não têm nada a ver com a vida? Por que Carrón os inseriria aqui?”. A mudança de olhar e de perspectiva aconteceu no último domingo, por causa de uma coisa aparentemente banal: um passeio nas montanhas com alguns amigos (antes de entrarmos na zona laranja). Os guias disseram que a caminhada era tranquila. Porém, ao longo do caminho ela se mostrou cansativa e exigente para quem não está habituado com as montanhas. Tudo me incomodava. Finalmente, chegamos. Olhar para aquele espetáculo foi uma coisa do outro mundo e eu disse, cheio de gratidão: “Obrigado, é lindo!”. À luz da Escola de Comunidade, aquele deixou de ser um fato banal para mim. Eu entendi, na experiência, o significado do trecho da página 138 sobre a obediência: “A autoridade, de certo modo, é o meu ‘eu’ mais verdadeiro. Muitas vezes [...] a autoridade [...] é sentida como algo estranho, que ‘se adiciona’ ao indivíduo”. Seguir, dentro de uma companhia de amigos, algo que parecia inadequado, me fez descobrir algo que é muito mais adequado para mim do que meus pensamentos e meus raciocínios. É verdade que a antítese que você cita na página 140 entre a busca de autoafirmação e a busca da própria conversão está constantemente presente como tentação. Eu já tinha experimentado isso alguns dias antes, quando perguntei a Fernando de Haro – durante a apresentação do livro O Abraço organizada pelo nosso centro cultural – se alguma coisa havia mudado nele por ter sido instrumento da mudança de Azurmendi através do seu programa. Ele respondeu que tudo isso só o tinha levado a “uma séria correção de conhecimento sobre quem somos e não a uma posse como autoafirmação”. Mas, depois de um primeiro impacto, eu já tinha superado esse fato, é como se eu fechasse o arquivo. A correção dele durou um instante. Foi preciso acontecer aquela caminhada para eu reabrir o arquivo. Então eu pergunto: eu fiz experiência de que não há um “de uma vez por todas”, isso não se sustenta e tudo desmorona de novo. Como é possível permanecer? Realmente basta apenas, como você disse, olhar com atenção?*

Carrón: Estão vendo? Primeiro é preciso perceber que ninguém teria mudado a sua ideia sobre a importância da autoridade se você não tivesse feito aquela caminhada: foi a partir da sua experiência – não sentado em sua poltrona pensando a respeito, mas através de um passeio às montanhas – que você descobriu o valor de alguém que te guia. Porque é ao longo do caminho que

descobrimos realmente o valor da autoridade. Então, voltemos à pergunta: como é possível permanecer? Basta apenas olhar com atenção? Dirijo a pergunta a padre Pino, pela contribuição dele na Diaconia da Fraternidade do último sábado, quando falou sobre o Dia de Início do Ano. Pino, o que aquele dia e o testemunho de Azurmendi trouxe para a sua vida?

Colocação: *Responderei sua pergunta com três observações. A primeira é a surpresa e a gratidão quando você nos indicou um fato, uma pessoa, Mikel Azurmendi, que estava acontecendo na sua e na nossa vida. Eu continuo percebendo isso como uma novidade, como um exemplo para mim e para todos os responsáveis: o seu testemunho de seguir desse modo o que acontece de novo, e indicá-lo a todos como autoridade. Segunda observação: continua vibrando na minha vida a provocação, que eu descreveria como método, que o Dia de Início do Ano representa nesta situação tão difícil e incerta. Retomo uma frase de Dom Giussani que você cita em O brilho dos olhos: “Ter um pai [paternidade] é uma posição permanente”, mas “a geração é algo presente” (p. 135). Percebo que, às vezes, tanto na Igreja quanto entre nós, é como se – e digo isso também referindo-me a mim – predominasse a preocupação – quase exclusiva, embora legítima e imperiosa – da estrutura, da estabilidade ou da mudança da estrutura. O risco, portanto, é o de raciocinar por categorias, reduzindo o carisma a algo universal abstrato já conhecido por mim e ao qual reconduzo mecanicamente os fatos pequenos ou grandes que sempre acontecem. Eu me pergunto: “O carisma se tornou algo universal abstrato ou é uma história particular que, na história da Igreja e do mundo, continua acontecendo e, assim, nos abre à totalidade?”. “Por que você precisa ir ao universal?”, perguntou Azurmendi. E ele concluiu: “O universal é uma ficção. Não há universal em nenhum lugar” (mencionado em Vê-se só o que se admira, p. 17). Terceira observação: acredito que está acontecendo um contínuo aprofundamento da natureza do carisma. Estamos avançando, caminhando segundo a dinâmica do olhar, do reconhecimento e do acompanhamento de uma geração que está acontecendo para cada um de nós através do acontecimento de muitos fatos nos quais a experiência da autoridade nasce do encontro com pessoas, com momentos de pessoas, nos quais vemos a vitória de Cristo. Acho muito valiosa a fala de Azurmendi e o modo como você, primeiro, indicou, e depois retomou, a partir do ponto de vista do método. Explico com uma expressão do próprio Azurmendi, que sintetiza o percurso que ele fez nestes anos: “Eu fui identificando os nexos causais e temporais do meu maravilhamento” (Ibidem). Pois bem, à primeira vista parece estranho associar uma expressão tão racional, técnica – “nexos causais e temporais” – com a palavra “maravilhamento”, mas acho genial porque descreve a experiência de uma geração que acontece através de fatos e pessoas das quais, não por acaso, ele faz a lista precisa: o primeiro fato se chama Fernando, depois veio Javier e depois Macario, e depois... e depois... Acredito que essa dinâmica não só nos mostra a graça do carisma vivo, presente, mas também nos indica a grande questão do método, que você insistentemente continua nos apresentando: reconhecer que o Acontecimento permanece porque continua acontecendo. Esta me parece ser a maior ajuda para evitar nos fossilizarmos nas definições, para evitar nos preocuparmos demais com a estrutura do fluxo da vida do qual, mesmo em circunstâncias tão difíceis, estamos todos participando juntos numa companhia guiada. Obrigado por tudo.*

Carrón: Obrigado. O que você acabou de dizer nos ajuda a entender uma coisa que Dom Giussani diz: que a primeira tarefa da autoridade é identificar outras autoridades. Como identifiquei a autoridade de Azurmendi? Pelo impacto da correspondência que percebi em mim quando assisti o vídeo pela primeira vez. Foi a partir daí, como eu disse no Dia de Início de Ano, que desejei ir atrás desse impacto propondo o vídeo a todos. E isso é libertador, porque não sou eu que devo gerar o acontecimento, não somos nós que devemos gerá-lo com o nosso esforço, precisamos apenas reconhecê-lo quando acontece. E a tarefa de quem é autoridade é sinalizá-lo, seguindo, ele em primeiro lugar, aquele que indica. Esse é o método do carisma. O que nos cabe é reconhecer isso. Ouçam o que Dom Giussani diz: “O fenômeno inicial – [ou seja] o impacto com uma diversidade humana, o maravilhamento que nasce desse impacto – está destinado a ser o fenômeno inicial e original de qualquer momento de desenvolvimento. Pois não se dá nenhum desenvolvimento se esse

impacto inicial não se repete, ou seja, se o acontecimento não continua a ser contemporâneo” (L. Giussani, “Algo que vem antes”, *Passos*, dez. 2008), se não for um acontecimento contínuo. Deus pensa em como fazê-lo acontecer de novo, como estamos vendo. A nós, cabe seguir. E é diante desse reacontecer que se revela a nossa disponibilidade em seguir o carisma.

Mas às vezes, de novo, parece que esse fluxo de vida não é suficientemente incidente, porque não acontece de acordo com o nosso tempo – ou seja, imediatamente! –. Então o verdadeiro desafio para nós é esperar e respeitar o tempo de Outro. Como descobrimos na nossa pele o valor dessa espera?

Colocação: *Olhando para a história e para a vida de tantas famílias como a minha, o que predomina é a ferida. A ferida de quem não pode ter filhos, a ferida dos nossos filhos adotivos, a ferida das famílias que veem os filhos adotivos crescendo revoltados, o que também os leva a fazer escolhas erradas. Em toda essa imensa dor há um ponto de luz: a nossa companhia dentro do Movimento e, em particular, dentro da obra das Famílias para a Acolhida. Por meio dessa experiência “particular” conhecemos muitas pessoas, também de fora do Movimento, que antes de tudo se sentem acolhidas, compreendidas e não julgadas. Nossos filhos maiores são testemunha disso. Em uma conversa com meu filho, que recentemente se tornou pai, ele me disse: “Minha revolta, minha raiva para comigo mesmo e para com o mundo, que também trouxe consequências negativas, nascia principalmente do medo! Medo de quê? Medo do abandono! Depois entendi que olhar só para o meu passado e para o meu mal não me permitia ser feliz. Então comecei um percurso: comecei a olhar para o meu presente, para vocês que estão sempre presentes, que não me mantiveram presos a vocês, que me deixaram livre para cometer erros e também me disseram: “Agora é bom que você assuma suas responsabilidades”. Isso fez com que eu olhasse para mim mesmo e que pensasse no meu futuro! Depois conheci aquela que agora é mãe do meu filho, mas eu não poderia tê-la reconhecido como um bem se eu não tivesse começado esse percurso”.*

Carrón: O testemunho dele documenta: “A geração é algo presente”, como padre Pino nos lembrou. “Vocês que estão sempre presentes”, disse seu filho, mesmo quando achavam que a presença de vocês não era suficientemente incidente para impedi-lo de cometer erros. No entanto, foi justamente a “presença presente” de pais, aparentemente inútil – a julgar pela revolta, pela raiva e pelos erros que ele cometeu durante anos –, o que permitiu que seu filho se libertasse de olhar apenas para o passado e para o mal que não permitia que ele fosse feliz. Esse nexos entre conhecimento e felicidade, um pouco estranha para nós, surpreende. Para nós, o conhecimento é uma abstração que não tem nada a ver com a felicidade. Há um olhar que nos sufoca, que se fixa só em um aspecto da vida e, portanto, impede que conheçamos de verdade. Somente quando o conhecimento deixou de ser determinado pelas próprias análises do passado ou do mal realizado (“a partir de certos princípios ou critérios que, depois, são aplicados”, como diz a Escola de Comunidade), a partir de um acontecimento – a presença sempre presente dos pais – o filho pôde se libertar da prisão do passado e pôde pensar no futuro. Depois conheceu aquela que é a mãe de seu filho, “mas eu não poderia tê-la reconhecido como um bem” se não fosse pela presença de vocês como pais. Quantos anos ele precisou esperar para poder reconhecer isso, enquanto pensava que não poderia acontecer! Mas acima de tudo o que me impressionou ao ouvir você falar, foi ver o que bloqueava o olhar do seu filho: “Minha revolta, minha raiva para comigo mesmo e para com o mundo [...] nascia principalmente do medo! Medo de quê? Medo do abandono”. É comovente descobrir que nosso “interlocutor” – no diálogo com nossos filhos e com qualquer pessoa – é o medo de ser abandonado, um medo que também é o nosso! Ou seja, o medo do nada. O medo de que, no final de tudo, nada valha a pena. Esse é o verdadeiro problema. Tomemos cuidado para não confundir os sintomas (a revolta, a raiva, a violência) com a origem deles, ou seja, com o medo do abandono. Esse medo só foi vencido no tempo graças à presença presente dos pais (que antes pensavam que não fossem incidentes). Como vocês, pais, devem ter desafiado esse medo com a própria presença, a ponto de seu filho alcançar a certeza de que ele não seria abandonado! Que certeza vocês devem ter comunicado a ele para que alcançasse essa certeza! Uma certeza que não somos nós que produzimos, porque ninguém gera se não é gerado. Só se vocês, pais, e todos nós,

nos deixarmos ser gerados por Aquele que vence o medo profundo, seremos capazes de testemunhá-Lo aos outros, esperando e respeitando o tempo da liberdade deles. Como foi no início, também hoje a única coisa que pode nos arrancar do nada é a experiência de uma novidade que acontece agora. Como disse Dom Giussani em resposta à pergunta que Angelo Scola lhe fez anos atrás: “*Qual é a urgência mais radical para a missão dos cristãos hoje?* [...] Que o conteúdo desta mensagem comece a se tornar experimentável como esperança no presente” (*Un’avvenimento di vita, cioè una storia*, Roma; Milão: Edit-Il Sabato, 1993, pp. 59-60).

O que é capaz de gerar essa certeza em nós a ponto de nos fazer perceber o desejo de abraçar a todos?

Colocação: *Desde que o primeiro lockdown começou, em março, há um fato que me surpreende muito e, justamente porque não é uma coisa minha, mas um presente, quero compartilhar com você. Desde que o lockdown começou, comecei a me sentir mais cansada, com menos energia, com muito mais mudanças de humor e com aspectos do meu temperamento difícil exasperados pelas circunstâncias. O ensino on-line na universidade é pesado, e alguns colegas e alunos começaram a ter problemas de saúde mental exacerbados pela pandemia, e por isso minha carga de trabalho administrativa e pastoral dobrou. Além disso foram canceladas as viagens para participar de conferências, que é algo de que gostava muito, não recebemos mais amigos para jantar em casa como costumávamos fazer, e a convivência próxima começou a causar mais tensões do que o habitual. Também não podemos ir para nossa cidade para encontrar nossos avós e nossa família. Eu poderia continuar listando as coisas que todos nós achamos difíceis neste período. Tudo isso – do ponto de vista puramente humano – seria suficiente para aumentar meu niilismo e me fechar ainda mais na minha concha. Mas devo admitir e reconhecer com espanto e gratidão que isso não está acontecendo. Aliás, está acontecendo justamente o contrário! Meu coração não parou de desejar e meu desejo aumenta dia a dia: o desejo de amor, o desejo de amizade verdadeira, o desejo de abraçar o mundo, de conhecimento. Como é possível que, dentro de um aumento objetivo do meu limite, meu coração se expanda assim? Certamente não é minha capacidade, mas fruto da presença de Cristo aqui e agora, dentro dessa realidade tão bonita e tão não minha. Cristo me alcança através de meu marido, dos meus filhos, através de velhos e novos amigos (como Van Thuan e Azurmendi com seus livros, ou a mulher de Taiwan doente de câncer que enviou uma carta para a Passos), Cristo se mostra por um instante dentro da dor de tantos estudantes que desabafam comigo e que, sem saber, estão esperando pelo abraço d’Ele. E de manhã, enquanto pedalo para o departamento, olho para as pessoas que atravessam a rua com uma grande comoção, imaginando se elas têm consciência do destino de glória que as espera e do quanto Deus as ama agora, tanto que às vezes as lágrimas escorrem e as pessoas pensam que eu sou louca. E me vejo, em dias nos quais não tenho um único segundo de pausa entre o trabalho e as crianças, pensando nas famílias que vivem o drama da violência doméstica, nos idosos sozinhos fechados nas casas de repouso, nos sem-teto, nos nossos irmãos cristãos perseguidos, naqueles que estão sozinhos nos hospitais, naqueles que não encontraram o Senhor e não sabem para que vivem; e meu coração arde de comoção, pedindo ao Senhor para poder gastar toda a minha vida, consumi-la por todos, para poder abraçar a todos e oferecer tudo por este mundo que Ele criou. Em suma, dentro de uma situação em que eu mal consigo cuidar daqueles que estão próximos a mim, meu coração deseja abraçar todos, o mundo inteiro, todo o universo. Evidentemente, a companhia d’Ele ultrapassa o limite do possível e lança meu coração ao impossível. E esse horizonte infinito me faz olhar para o meu cotidiano finito de uma maneira totalmente nova, inquieta mas pulsante, dolorosa mas verdadeira. Então eu me pergunto: “Mas quem és Tu que acende esse fogo no meu coração?”. Obrigada.*

Carrón: Obrigado a você. A única coisa que nos faz querer abraçar a todos é ver a vitória de Cristo em nós. Só isso faz com que sintamos todos como irmãos. E isso, paradoxalmente, ao mesmo tempo muda o nosso cotidiano finito (onde muitas vezes sufocamos), fazendo-nos olhar para ele de

uma maneira totalmente nova. Essa novidade pode acontecer no cotidiano mais banal, na vida do dia a dia.

Então, o que vence o medo e o que isso desencadeia em nós?

Colocação: *Nas últimas semanas voltei a me dar conta de algo que é crucial para mim. À noite era tomada por um grande medo. Perguntando-me de quê esse medo seria sintoma, percebi que na realidade – lá no fundo – não era nada mais do que uma manifestação de solicitações que tenho há muito tempo: que a vida não acabe, que a vida não tenha fim tanto em duração quanto em intensidade presente. Tudo isso explodiu em mim com uma força inesperada e – por vezes – muito dolorosa. Com essas solicitações se desencadeando dentro de mim, comecei a perceber muitos pequenos fatos significativos nos meus dias. Vou contar alguns deles. Um garoto que estuda comigo disse, em uma de nossas Escolas de Comunidade: “Carrego um desejo imenso de viver a universidade como um lugar no qual eu possa ser educado. Sei que vocês também têm esse desejo. O que significa realmente viver a universidade como protagonistas dentro de todas essas restrições, sem fugir ou se conformar? Por que temos esse desejo? Qual a origem dele? Não é fruto de nossa capacidade. Gostaria de compartilhar essas questões com toda a universidade”. Fiquei muito entusiasmada vendo que uma outra vida estava vencendo em alguém, e era possível ver isso pela diversidade com que ele olhava para as coisas habituais como a universidade. Através desse fluxo de vida torna-se concreta e experimentável diante dos meus olhos a promessa de bem, de vida eterna e cheia de sentido (ou seja, que eu não perco nada!) que é a minha existência. E isso acontece através de rostos de amigos, mas também através de pessoas novas que se tornam uma companhia ao destino através de fatos, como aconteceu com esse rapaz. Daí nasceu o desejo, meu e de outros, de compartilhar com todos o desafio ao nosso eu que acontece na universidade. Então, escrevemos um panfleto e o compartilhamos com toda a comunidade acadêmica: do Reitor ao Diretor, e aos colegas de curso. Demos o seguinte título ao folheto: “A universidade não será fechada enquanto vivermos”. Nasceram diálogos muito interessantes em todos os níveis. Fiquei particularmente impressionada com o fato de que alguns dos meus colegas de curso, que normalmente procuram manter as aparências, depois de ler o panfleto me expuseram seus verdadeiros problemas. Uma delas me disse: “Não quero viver como escrava nesta situação, sem ouvir mais nada”. E outra: “Se houver condições, gostaria de encontrá-la. Preciso falar com você sobre o por quê vale a pena viver agora”. Fico impressionada porque é a prova factual de que Aquele que encontrei, que às vezes se serve também de nós e de um simples panfleto, traz à tona o humano, tanto o meu quanto o dos meus colegas de curso. Em resumo, percebi que quanto mais a vida acontece, mais percebo que não estou sozinha nas minhas questões, mas estou em relação com ela, e quanto mais minha humanidade vem à tona, torna-se mais verdadeira. Tudo se torna o chamado de Alguém. Também estou vendo muito isso no estudo. E o desejo de comunicá-lo ao mundo – também com coragem – nasce de uma forma simples, não como um ativismo mas como algo que flui de forma superabundante e que, depois, se aprofunda nos encontros que acontecem. Sobre isso, eu e duas amigas fizemos outro encontro interessante alguns dias atrás. Impressionadas – pela humanidade que transparecia – com uma entrevista concedida pelo Reitor de uma universidade diferente da nossa, escrevemos para ele, embora não o conhecêssemos, para agradecer-lo e compartilhar nossas questões urgentes, algumas delas escritas no panfleto. Ele propôs um encontro e nasceu um diálogo maravilhoso, impregnado de humanidade e de partilha de fatos e perguntas sobre esse período. Fico impressionada, independentemente do desenvolvimento disso tudo no futuro, que quanto mais eu sou gerada pela vida que testemunhei, mais tenho a possibilidade de me lançar inteira com todos, ou seja, aprofundar com curiosidade a pequena chama de verdade que vejo arder em todos, até num Reitor desconhecido. E percebo que assim desfruto a vida infinitamente mais. Concluindo, continuo tendo muitos sentimentos: do medo à alegria, à dor, à raiva, ao entusiasmo (para não falar dos erros), mas o que domina é a percepção de que só posso realmente dizer “eu” na relação com quem me gera. O próprio medo, quando me toma, torna-se uma oportunidade, à noite, de voltar a perceber isso, podendo assim ir para a cama*

muito cansada, com todas as minhas questões, mas em paz porque não estou sozinha gritando contra o nada.

Carrón: Obrigado. Como vemos, seu medo – assim como o nosso – foi desafiado por fatos, pequenos ou grandes, como o do colega que, na situação atual, quer viver a universidade como protagonista. E, a partir disso, nasceu em você o desejo de compartilhar com todos o desafio de viver a universidade como protagonista. Lendo o panfleto, alguns de seus colegas viram despertar neles também o desejo de não viverem como escravos, presos nas circunstâncias, e começaram a falar com você sobre por que vale a pena viver agora. São as questões profundas que se escondem por trás dos sintomas. Às vezes, basta um fato, como um panfleto com o qual alguém arrisca o desejo que tem – “A universidade não será fechada enquanto vivermos” – e desafia o medo profundo de olhar para dentro de si, a ponto de explodir o desejo de entender o que torna possível viver, o que torna a vida digna de ser vivida. E você descobre que quanto mais essa vida acontece, mais vivas se tornam as suas perguntas. É só em um relacionamento com essa vida que tudo se torna cada vez mais verdadeiro, tudo se torna o “chamado de Alguém”. Em todas as circunstâncias, é Cristo quem nos chama. Esse é o resultado final: “Quanto mais eu sou gerada por essa vida, mais tenho a possibilidade de me lançar inteira com todos”, como disse a amiga de antes.

Essa é a graça do carisma, como emergiu em tantos dos testemunhos desta noite. Como o Papa nos lembrou no início da encíclica *Fratelli tutti*, São Francisco estava “desejoso de abraçar a todos. A fidelidade ao seu Senhor era proporcional ao amor que nutria por seus irmãos e irmãs” (Carta Encíclica *Fratelli tutti*, 3). A graça recebida por São Francisco, assim como a que recebemos, era e é para todos. Portanto, só indo atrás dela podemos ter o desejo de abraçar a todos, compartilhá-la com todos, tornar todos partícipes do dom que recebemos gratuitamente. É por isso que concluí *O brilho dos olhos* com esta frase tão forte de Balthasar: “O grão de trigo cristão [uma coisa tão pequena como nós somos] só terá uma genuína fecundidade formadora se não se encapsular numa forma particular ilusória, ao lado das formas mundanas, condenando-se assim à esterilidade; se, a exemplo do seu Fundador, se entregar e sacrificar como forma particular – sem angústia perante a perspectiva de ser abandonado e de se abandonar a si mesmo [como vimos esta noite. Isso é o que o mundo entende.] Pois, aos olhos do mundo, só o amor é digno de fé” (p. 151).

Entramos assim no Tempo do Advento porque, qualquer que seja a influência que a mentalidade dominante possa exercer sobre nós e, embora nosso ímpeto possa desaparecer, sempre permanece algo diante do qual devemos nos deter, “a natureza do homem, que é definida pelo senso religioso”, ou seja, a desproporção estrutural que podemos definir com a palavra “espera”. Dom Giussani diz: “Esta natureza não só nunca poderá ser completamente atrofiada, mas estará sempre, de modo mais ou menos perceptível, em uma posição de espera” (*Un’avvenimento di vita, cioè una storia*, op. cit., p. 41). O Advento é o tempo dessa espera no qual a Igreja nos introduz mais uma vez. Cristo responde a essa espera – que ninguém pode eliminar, como vimos – com uma Presença que fala através de fatos, tanto no início como hoje. O método é sempre o mesmo, como o Evangelho constantemente nos lembra. Sempre me surpreendo com essa frase de Jesus: “Bem-aventurados sejam os vossos olhos, porque veem, e os vossos ouvidos, porque escutam. Em verdade vos digo, muitos profetas e justos desejaram ver o que estais vendo, e não viram. Desejaram escutar o que estais escutando, e não escutaram” (Mt 13,16-17). Isso também se aplica a nós que sempre, quando nos encontramos, ouvimos todas essas histórias e vemos todos esses fatos, dia após dia. Fatos são a modalidade através da qual Ele nos chama para a conversão, agora. Então, nós fazemos parte dos bem-aventurados de que fala o Evangelho. Diante desses fatos cada um de nós pode verificar hoje a própria disponibilidade, como fizeram aqueles que estavam diante dos fatos há dois mil anos, podendo se recusar reconhecê-los: “Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Se tivessem acontecido em Tiro e Sidônia os milagres feitos no meio de vós, há muito tempo, elas teriam se arrependido” (Lc 10,13). Por isso, ajudemo-nos – testemunhando uns aos outros – a ir atrás desses fatos para que não tenhamos que ouvir: “ai de ti!”. Na verdade, através desses fatos, Quem está chamando? Jesus continua: “Quem vos ouve, a mim ouve; e quem vos rejeita, a mim rejeita; quem me rejeita, rejeita

aquele que me enviou” (Lc 10,16). É através do testemunho de alguém presente que Cristo nos chama hoje, Ele que ainda tem misericórdia de nós e bate à nossa porta neste início do Advento para tomar tudo de nós e para poder chegar a todos através de nós. Então, bom Advento!

AVISOS:

Escola de Comunidade. A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 16 de dezembro, às 21h. Vamos voltar a trabalhar sobre o livro *Deixar marcas na história do mundo*: trabalharemos sobre o ponto 7 do segundo capítulo, intitulado “A responsabilidade e a decisão”. Encaixa-se perfeitamente na questão de como estamos respondendo aos fatos que estão diante dos nossos olhos.

Cartaz de Natal. O texto é uma frase de Dom Giussani: “Ele está presente aqui e agora: aqui e agora! Emanuel. Tudo deriva daqui; tudo deriva daqui, porque tudo muda. A Sua presença implica uma carne, implica uma matéria, a nossa carne. A presença de Cristo, na normalidade da vida, implica cada vez mais a batida do coração: a comoção da Sua presença torna-se comoção na vida cotidiana. Não há nada de inútil, não há nada de estranho, nasce uma afeição por tudo, tudo, com as suas conseqüências magníficas de respeito por aquilo que fazes, de precisão naquilo que fazes, de lealdade para com a tua obra concreta, de tenacidade em perseguir o seu objetivo; tornas-te mais incansável. Realmente, é como se se delineasse um outro mundo, um outro mundo neste mundo”.

A imagem é *Noite de inverno*, de Jean-François Millet. Por que essa imagem? Como diz o texto de Dom Giussani que escolhemos, “a comoção da Sua presença torna-se comoção na vida cotidiana”. O que esperamos, e o que todos esperam, é que o nosso dia a dia se encha dessa comoção – como nossa amiga disse no início –, que seja iluminado pela presença d’Ele: este é o evento inédito do Natal. Comentando a imagem, num artigo que vai sair na Passos de dezembro, o nosso amigo Giuseppe Frangi escreve: “É uma cena real, mas que assume uma força metafórica; não é uma Sagrada Família, mas é como se fosse investida por aquele nexos certo entre o quotidiano e o eterno que justo a família de Nazaré viveu e trouxe ao mundo. A própria luz da lamparina, ponto de irradiação colocado no centro da composição, logo acima do berço do bebê, ecoa a iconografia da Natividade”.

O [vídeo-cartaz](#) também pode ser um instrumento útil para quem tem problemas para obter o cartaz impresso devido às restrições em vigor. Vamos usar o cartaz, entre nós e oferecendo às pessoas que conhecemos, amigos, parentes, colegas, como uma oportunidade de fazer memória e para testemunhar o que é mais caro para nós na vida.

Bom Advento a todos e boa caminhada!

Veni Sancte Spiritus